



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

CÂMARA DOS DEPUTADOS, BRASÍLIA, DF, 16 DE MARÇO DE 2000

Permitam-me que eu inicie essas poucas frases, que direi, de uma maneira não convencional. Não nominarei ninguém.

Meus amigos, minhas amigas.

Isso basta.

Quero dizer-lhes que um fim de manhã, como este, é coisa rara na política. A política, frequentemente, é o conflito, é o jogo de interesses, é a paixão, é a incompreensão, é o obstáculo, é a luta, é áspera. Mas há momentos e há pessoas que inspiram outra coisa: inspiram comunhão. Esta é uma manhã de comunhão. E só pode haver esta manhã de comunhão porque existiu o Luís Eduardo.

O Luís Eduardo, que era um apaixonado, que era um homem de idéias, que brigava, que era objetivo, que era cordial, que era generoso, que era amável, foi capaz, de alguma maneira, de transcender o dia-a-dia da política para deixar uma marca, que é uma marca de uma pessoa, de um ser humano. Eu gostava do Luís Eduardo como pessoa, como gente. Nunca deixou de ser gente, mesmo quando estávamos em campos opostos – estivemos, em muitas ocasiões.

A nossa amizade se forjou e não foi na Presidência da República, no Ministério, na Presidência da Câmara, na liderança do governo. Não. Foi nos corredores deste Congresso, quando fazíamos a Constituição. Nem sempre concordávamos. Quase sempre discrepávamos. Não obstante, essa capacidade que ele tinha de ser gente, de ser tão amável, de ser tão gentil e, ao mesmo tempo, tão persistente e firme nos seus propósitos, fez do Luís Eduardo uma pessoa excepcional. Foi muito mais, foi político competente, foi um homem destemido, mas era gente.

Só quem é capaz de ter essas qualidades humanas permite que nós todos, aqui – que, como já disse o senador Antônio Carlos, convergimos em muita coisas, divergimos em outras, às vezes nos contradizemos –, possamos, neste momento, nos unir. E nos unimos acima de tudo.

Com isso, não quero dizer que não esteja grato ao convite do PFL, do Instituto Tancredo Neves, que não esteja feliz de estar vendo pessoas jovens trabalhando neste Instituto, vendo a formação de um partido. Mas não estamos aqui por isso.

Estamos aqui porque houve alguém que deixou na nossa memória o exemplo de que é possível uma convivência democrática, humana, fraterna, a despeito das diferenças. Aqui, vejo gente de todos os partidos. E aqui veio o Presidente da República, mas veio como pessoa.

Agradeço as homenagens, sobretudo do Senador Antônio Carlos, do presidente Jorge Bornhausen, as palavras que disseram a meu respeito. Mas vim como pessoa. Tenho certeza de que se o Luís Eduardo estivesse aqui, o que ele queria ouvir de mim não seria nada formal. Quantas vezes, quantas e infinitas vezes – e alguns aqui são testemunhas –, depois de lutas muito árduas, aqui, no Congresso, nós nos encontrávamos. Quando era possível, quando eu podia, no Tarantella. Depois, não pude mais e ele vinha ao Alvorada. E quantas vezes, depois de embates tremendos, ideológicos, as nossas conversas eram tão doces, tão amenas, tão humanas. Isso é que faz, realmente, da vida alguma coisa que valha a pena ser vivida.

Com isso não quero dizer que devamos e possamos, sequer, afastar as convicções. Deus me livre. Queremos tê-las. Posições firmes.

Precisamos tê-las, mas quero dizer que há momentos que transcendem. E essa foi a sabedoria do Luís Eduardo. Essa capacidade de ser um presidente da Câmara que, sim, foi forte e firme, ajudou a implementar reformas. E as fez. Mas, ao mesmo tempo, ele tinha essa qualidade humana. É por isso que estamos, aqui, juntos, e com tanta emotividade.

Claro, cada um tem seu estilo. Eu até ousaria, Senador Antônio Carlos, dizer que o Luís Eduardo tinha mais o meu estilo. E, ao dizer isso, como ele era seu filho, não estou criticando o seu estilo.

Mas o importante não é o fato de cada um – que é o óbvio – ter o seu estilo, é a capacidade que nós venhamos a ter, e tenhamos, de sermos capazes de, a despeito de tais e quais diferenças, pensar no país, de avançar dentro do possível, o quanto possível, nas coisas importantes para o País.

Aqui, muitos de nós, fomos testemunhas de transformações muito grandes neste país. Estivemos em lados opostos durante muito tempo. Convergimos em muitos momentos. Não foi fácil a convergência, mas entendemos a importância da convergência.

Foram mais do que justas as palavras do Senador Jorge Bornhausen sobre o Presidente José Sarney. Assisti de perto a todo esse processo. De perto e, muitas vezes, contra, quase sempre. Vi, também, como as pessoas foram capazes de grandeza. A política e a história não podem ser feitas a partir, simplesmente, de posições preestabelecidas, que não tomem em consideração as mudanças do tempo, que não tomem em consideração os fatos da vida, que não tomem em consideração as mudanças, até mesmo, de sentimento das pessoas.

Quem é dogmático, quem é intolerante, não faz política. Faz, talvez, teologia. Faz, talvez, fundamentalismo. Faz pregação, mas não muda o mundo.

E o político tem é que mudar o mundo. Ninguém muda o mundo sem generosidade, sem compreender o outro, sem aceitar a diferença, sem, muitas vezes, relevar o que seja dito. Às vezes, as palavras saem mais depressa do que o pensamento e não há nem tempo de um arrependimento porque elas já foram fixadas. Quem imagi-

nar que a palavra que está fixada e que, por estar fixada, deve produzir uma reação imediatamente contrária, se engana. Às vezes, as palavras saem mais depressa do que o coração gostaria e muito mais ainda do que a razão permitiria. E é preciso dar um espaço para que haja voltas. É preciso abrir um espaço para que haja uma reflexão mais ampla.

Inspirado, mais uma vez, em Luís Eduardo, eu queria dizer que assisti ao discurso, que foi lido pelo Senador Sarney, então Vice-Presidente da República, e que foi escrito por aquele, cujo nome, hoje, é o nome que este Instituto do PFL ostenta, que é Tancredo Neves. Naquele discurso, Tancredo Neves dizia uma coisa importante. Depois de tantos embates, depois de tantas lutas, depois de tantas transformações em que conseguimos fazer uma confluência de forças, em que o PMDB foi tão importante naquele momento – como ainda é hoje, nessa confluência de forças, e, hoje, aqui representado pelo Deputado Michel Temer –, depois de tudo isso, Tancredo nos deixou uma frase muito simples: “Não vamos nos dispersar.” Reitero essas palavras pensando em Luís Eduardo e pelo Brasil. Peço a todos, e quando digo todos, é a todos que chamei de irmãos, aqui, hoje, de todos os partidos: não vamos nos dispersar. Vamos lutar para que possamos ser dignos deste país e para que a memória de Luís Eduardo possa continuar a ser mais do que uma memória: uma força viva a motivar o nosso dia-a-dia.

Muito obrigado.